

OS BIBLIÓFILOS EBORENSES E A BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA (1805-1955)

Francisco António Lourenço Vaz

(Professor do Departamento de História da Universidade de Évora)

A Biblioteca Pública de Évora, fundada por D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas em 1805, teve desde início da parte da comunidade eborense uma especial carinho e até orgulho pela instituição. Isto apesar da conjuntura política adversa que se caracterizou pela instabilidade e guerra, sobretudo a partir de 1808, com o saque da cidade pelo exército francês e depois com a instabilidade e a guerra civil em que todo o país mergulhou.

Sem voltarmos a falar do Fundador, a quem a biblioteca, com o grande empenho do seu Director e do restante pessoal, prestou ao longo de 2005 uma bem merecida homenagem com as comemorações do bicentenário, trazemos hoje aos leitores do *Diário do Sul* a notícia da generosidade de alguns dos bibliófilos locais que, entre 1805 e 1955 demonstram o carinho que revelamos. Trata-se de homens que com os seus actos e sua paixão pelos livros, muito contribuíram para o aumento dos fundos da Biblioteca.

É sabido que os bibliotecários e arcebispos deixaram algumas obras para a biblioteca pública. Os fundos iniciais foram constituídos com os generosos donativos do Fundador, que terá deixado de acordo com as suas palavras, para cima de 40.000 volumes mais um monetário com 2995 espécimes de ouro, prata e cobre e que depois foi roubado pelos franceses em 1808. Merece também referência a doação feita pelo arcebispo D. Xavier Botelho de Lima, que deixou toda a sua colecção de livros (2.314 volumes). Do mesmo modo, D. Frei Joaquim de Santa Clara (1816-1818) doou 52 livros à biblioteca. Mas olhemos para aqueles que não tinham obrigação de zelar pelo aumento da biblioteca.

Um primeiro dado que queríamos referir é o contributo dos bibliófilos eborenses para melhorar o serviço público com que a instituição nascente surgiu, ou dito por outras palavras, o contributo que deram para afirmar a vocação de biblioteca pública. Com efeito, a abertura ao público que os estatutos da Biblioteca de Évora consagraram em 1811, além de ser ainda muito restrita - o artigo oitavo determinava que quatro vezes por semana, nas manhãs de Terça e Sábado e nas tardes de Segunda e Quinta, seria aberta para os concorrentes, que deviam ser tratados com « agrado e bom acolhimento, e

franqueza», pelos oficiais e restantes empregados - teve no caso desta instituição uma conjuntura adversa, que tornou difícil a sua implementação. Mas as dificuldades não provieram apenas da guerra e do saque, ou das dificuldades económicas inerentes, mas também da própria vontade dos homens. Logo após a morte de Frei Manuel do Cenáculo, os sucessores questionaram a manutenção deste serviço público, invocando as dificuldades financeiras que acarretava e tudo leva a crer que até ao consulado de Cunha Rivara, iniciado em 1838, a frequência da biblioteca pelo público foi incipiente.

O primeiro nome que nos surge neste empenho de manter a biblioteca ao serviço do público, é o do bibliófilo eborense António Baptista Sequeira Faca-Mello que, em 1824, doou, à Biblioteca de Évora a sua livraria, que se compunha de aproximadamente 1.500 espécimes, e um fundo de 600.000 réis para com os juros ir pagando os ordenados dos funcionários. O testamento deste bibliófilo diz: «E sendo por hora precários os emolumentos, ou ordenados, que percebem o Bibliotecário, e adjuntos da dita Biblioteca Arquiepiscopal, de que resulta não ser franqueada com mais extensão de tempo, à medida dos desejos dos que a ela concorrem, e isto traga origem de falta de fundos da dita Livraria» (ESPANCA, 1981-1982, p. 220). Portanto, a dar crédito ao benfeitor, havia na comunidade local vontade e interesse de que as portas da Biblioteca estivessem abertas com mais frequência ao público.

Importa ainda reter, que à semelhança dos anteriores bibliófilos, Faca- Mello fez a sua doação, de livros e dinheiro, com a finalidade de « aproveitamento, e instrução do Público, e concorrer desta maneira á efusão das luzes e ciências» , procurando que os seus livros continuassem a ser úteis, o que nas suas ideias se consegue « fazendo-se públicos». Há nas palavras em que se expressa a vontade do doador mais um pormenor que gostaríamos de sublinhar: o facto de agora o Público (que surge em maiúsculas) não necessitar de outro epíteto, ao contrário do que acontecia em textos anteriores em que apreciava associado a erudito, leitor, ou letrado.

Além das dificuldades financeiras um outro obstáculo a um serviço público eficiente era a falta de um catálogo sistemático. Nesta tarefa trabalhou até a morte (em 1827) o bibliotecário José Constâncio Lopes da Cruz, com um método pouco adequado, mas norteado pelo interesse de colocar a livraria ao serviço do público.

A adesão da comunidade eborense, pelo menos a nível das elites eclesiásticas e intelectuais, para conseguir um serviço público eficiente e pôr a instituição a funcionar parece ser um dado deste período. Com efeito além do donativo já referido seguiram-se outros, nomeadamente, o do Bacharel da Sé, Joaquim Cordeiro, que embora deixando

aos herdeiros a sua biblioteca deixou também uma recomendação no sentido de estes entregarem à Biblioteca Pública os livros que esta ainda não tivesse, e que se traduziu na doação de algumas dezenas de volumes.

Outro bibliófilo eborense que deixaria o nome ligado à Biblioteca Pública foi o Visconde da Esperança, José Bernardo da Baraona Fragoso Cordovil Gama Lobo(1841-1931), que reuniu ao longo da vida uma valiosa biblioteca com um magnífico espólio de manuscritos, impressos, incunábulos, medalheiro e várias peças de arqueologia (BARATA, 1897). O visconde da Esperança manifestou em vida e depois no seu testamento a vontade de doar a sua biblioteca, conhecida como a biblioteca Manizola, à Biblioteca Pública. O seu testamento determinava a doação da Biblioteca Manizola à Câmara Municipal de Évora, com a reserva de que deveria dar entrada na Biblioteca. Mas os herdeiros impugnaram esta determinação testamentária, que viria a ser considerada nula pelo facto de a Biblioteca Manizola ter valor superior a mais de metade dos bens do Visconde da Esperança. O litígio prolongou-se por vários anos, com grande impacto nas elites locais, que intervieram no sentido de fazer cumprir a vontade do benfeitor, tal como a imprensa local comprova (*Notícias de Évora*, 1946-1955). A solução encontrada passou pela compra deste fundo bibliográfico pela Fazenda Nacional, em 1953, e pela sua integração na biblioteca Publica de Évora, em 9 de Abril de 1955.

Relativamente à Biblioteca Manizola, o que nos interessa reter é a persistência, na comunidade eborense e particularmente nos bibliófilos, desta vontade de colocar os fundos bibliográficos ao serviço do público, que consideramos em tudo semelhante à que vimos documentando desde 1805. Significativo também que o testamento seja o meio para transmitir essa vontade de servir o público, como forma de perpetuar a memória pelos livros que com paixão e muita despesa foram coleccionando.

A ideia que os bibliófilos que apresentamos têm de biblioteca pública é a de uma instituição que pode perpetuar a memória e ao mesmo tempo a instituição através da qual podem continuar (mesmo depois da morte) a servir a comunidade e obter o reconhecimento público. Provavelmente, porque reconheceram que os livros são por excelência o melhor meio para a instrução e preservação da memória. Ou seja, estes benfeitores querem dar aos seus livros um fim nobre: colocá-los à disposição dos leitores na Biblioteca Pública.

Esta mentalidade, que vê os livros, mais do que objectos de luxo ou ostentação, como um investimento produtivo, porque se orienta para o bom uso, estava

documentada já nos textos do Fundador. Com efeito, entre a usura, dos que amontoavam livros para os manter guardados, e o bom uso, para Frei Manuel do Cenáculo a escolha era simples: o bom gosto pelas colecções e particularmente pela bibliofilia identifica-se com o bom uso, e este implica a abertura de bibliotecas para complemento e apoio da instrução dos povos.

Guia de Leituras: Túlio ESPANCA, « Subsídios para a História da Biblioteca Pública de Évora », *Revista a cidade de Évora*, 63-64 (1981-1982), 1981-1982, p. 220. Francisco BARATA, *Catálogo dos principaes manuscriptos da livraria do Visconde da Esperança*, Évora, Minerva Eborensis, 1897; *Notícias de Évora*, 1946-1955; Francisco VAZ, « A Fundação da Biblioteca Pública de Évora », in D. Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas, Lisboa, Caleidoscópio, 2006.